

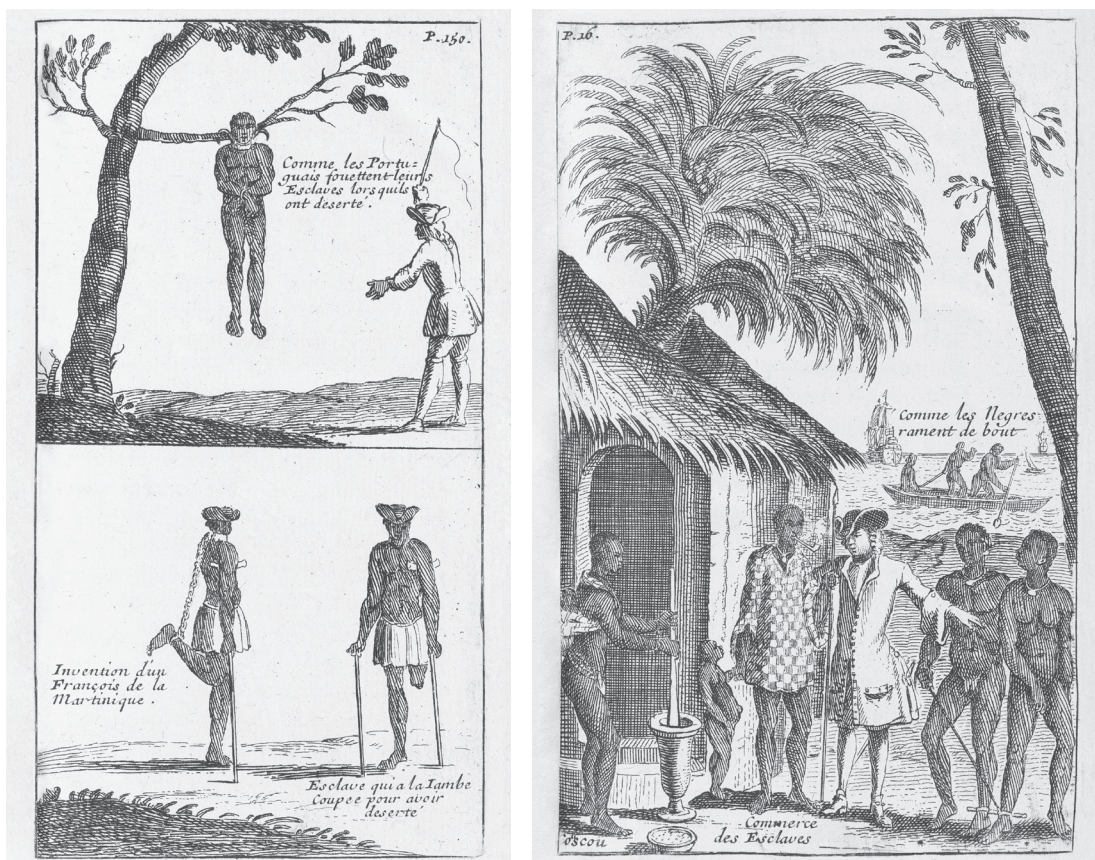
3.

TOMA LÁ DÁ CÁ: O SISTEMA ESCRAVOCRATA E A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

A África é o berço da espécie humana e de culturas milenares e sofisticadas; já para os colonizadores, era apenas sinônimo de “escravos e lucro”.

O capítulo 3 se debruça sobre o sistema escravocrata no Brasil a partir dos seus fatores geográficos, históricos, econômicos e culturais. O regime de extrema crueldade que sempre caracterizou a escravização dos africanos pelos europeus começava com o aprisionamento massivo no interior do “continente negro”, em geral por meio de guerras ou emboscadas. Conduzidos com brutalidade até os portos da costa do Atlântico ou do Índico, os africanos sequestrados eram empilhados em porões de navios infectos e transportados até portos como os do Rio de Janeiro, de Salvador e de Recife. Na chegada, os sobreviventes, agora transformados em mercadorias, passavam por uma triagem cuidadosa e, em geral, eram afastados de conhecidos e familiares, e depois vendidos e destinados a tarefas agrícolas ou domésticas. Ao longo do processo, as muitas vidas que se perdiam pouco empanavam os ganhos astronômicos dos comerciantes de carne humana, entre os quais ingleses, holandeses, franceses e espanhóis, além dos luso-brasileiros.

A expectativa de vida de um escravo do campo, ou dos engenhos, recém-chegado ao Brasil não passava de dez anos, tais eram a inclemência do trato dispensado pelos senhores e a fadiga da labuta incessante. Uma vez que a taxa de reprodução dos cativos nem de longe compensava a de mortalidade, o tráfico negreiro precisava assegurar um fluxo constante de braços da África



3.1. Gravuras de *Relation d'un voyage: Fait en 1695, 1696 & 1697, aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brezil, Cayenne & Isles Antilles, par une Escadre des Vaisseaux du Roy, commandée par M. de Gennes, de Froger, 1698.**

para a América, renovando a lucratividade desse infame comércio ligado nos seus primórdios à economia açucareira.

Havia grande diversidade étnica, linguística e religiosa entre os africanos deportados para o Brasil, sobretudo dos atuais Benin, Angola e Moçambique. Com frequência mais instruídos que os brancos (muitos escravizados muçulmanos da África Ocidental, por exemplo, eram mais alfabetizados que a média dos portugueses), é lógico que os africanos não aceitaram de maneira passiva a catástrofe da escravidão. Há uma importante seção do capítulo 3 à história da resistência escrava no Brasil, com destaque para a longa e fascinante trajetória do Quilombo dos Palmares — não se resumindo a esse caso. O texto propõe que a miscigenação forçada dos negros com os índios e os brancos, que deflagrou a atual diversidade cultural do país, por um lado foi um processo desde a origem marcado pela violência e o arbítrio e, por outro, matizado pelas ambiguidades da assimilação.

* A legenda interpretativa das autoras está no final deste capítulo.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Na parte inicial do capítulo 3, “O tráfico de viventes” (pp. 79-89), as autoras, depois de descreverem as formas de escravidão praticadas por diversos povos desde a Antiguidade, apresentam como se dá o início da escravização de africanos pelos portugueses para o trabalho forçado na produção do açúcar. Depois da leitura desse conteúdo, proponha aos alunos a apreciação do poema “Navio negreiro”, de Castro Alves, que pode ser feita em voz alta, de forma coletiva, na sala de aula. Reproduza para eles um vídeo com a locução de estrofes do poema feita pelo ator Paulo Autran; ou a versão musicada do próprio poema, criada pelo rapper paulista Slim Rimografia (disponível no YouTube). Em seguida, oriente uma roda de discussão a partir da seguinte pauta:
 - a. Quais sentimentos relacionados à escravidão o poema evoca?;
 - b. Quais argumentos, dentro da lógica mercantil vigente à época (séculos XVI ao XIX), sustentaram a prática do tráfico de escravos?;
 - c. Quais argumentos poderiam ser levantados pelos cativos contra o tráfico de escravos?;
 - d. É possível encontrar formas semelhantes àsquelas da escravidão mercantilista na atualidade?;
 - e. “O navio negreiro”, de Castro Alves, serviu de inspiração para muitos escritores e artistas, que refletiram sobre as profundas consequências da escravidão no Brasil, as quais chegam aos dias de hoje. Esse diálogo aparece, por exemplo, na memorialística politizada de Jorge Mautner, no seu poema “Negros Blues”. Ou nos camburões racistas das cidades brasileiras em guerra, cantado pelo reggae-*rap* “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, do Rappa. Ou ainda, em “Camburão, realidade cruel”, do Epidemia, e no “Navio negreiro de Angola”, do Consciência Humana. Com base nesse diálogo, incite os alunos a criarem um poema ou canção que remeta aos versos do poema de Castro Alves, tematizando a realidade atual dos descendentes de africanos escravizados;
 - f. Combine com os grupos para que produzam material audiovisual a partir dos poemas que elaboraram.
2. Depois da leitura da parte “O tráfico de viventes” (pp. 79-89), enfatize a importância dada ao candomblé como manifestação religiosa brasileira. Oriente uma roda de discussão em que os alunos possam debater seus conhecimentos prévios acerca do candomblé. Em seguida, proponha aos alunos que pesquisem cada um dos orixás e suas mitologias. Nessa investigação, peça também que busquem informações sobre batuques e músicas vinculadas ao culto dos orixás e que analisem em que medida esse gênero musical também constituiu um importante legado cultural. Para finalizar o trabalho, proponha uma apresentação do trabalho realizado, no qual os alunos representem os orixás de forma artística (por meio da pintura, escultura, encenação, leitura de poemas, música, dança etc.). Defina com os alunos se a tarefa será feita individualmente ou em grupo e, se possível, exiba as produções do grupo para outras turmas da escola.

O livro *Mitologia dos orixás*, de Reginaldo Prandi (Companhia das Letras, 2000), pode ser usado como referência para esta atividade.

3. Depois da leitura da parte “Escravidão é sinônimo de violência” (pp. 91-7), discuta as formas de violência do passado, durante o regime escravocrata, e sua permanência na nossa contemporaneidade. Em seguida, solicite a execução de pesquisas que apresentem novos dados acerca das práticas de discriminação social no país. Por fim, elabore coletivamente uma exposição na escola a partir do seguinte tema: “Escravidão e racismo: os diferentes lados de uma mesma moeda chamada violência no Brasil”.

Sugestão de material de apoio:

Artigo: “O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva”, de Bruno Zeni (disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100020>; acesso em: 30 out. 2015).

Livros: *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociabilidade brasileira*, de Lília Moritz Schwarcz (Claro Enigma, 2013); *Racismo no Brasil*, de Lília Moritz Schwarcz (Publifolha, 2001).

Filmes: *Quanto vale ou é por quilo*, direção de Sérgio Bianchi; *Que horas ela volta?*, direção de Anna Muylaert.

Canção: “A carne”, de Marcelo Yuka, Seu Jorge e Wilson Capelletto, na interpretação de Elza Soares.

4. Discuta os conteúdos dos subcapítulos “Toma lá dá cá: rebeliões, insurreições e movimentos escravos” (pp. 97-100) e “Palmares: a rebeldia dos quilombos” (pp. 100-3). Terminada a leitura, sugira aos alunos pesquisas sobre os movimentos de resistência atuais, como a luta pela demarcação de terras de quilombolas. Oriente a preparação de seminários sobre o papel dos quilombos no passado e na atualidade.

Sites sugeridos para pesquisas:

Centro de Estudos Afro-asiáticos: <www.ucam.edu.br/index.php/centro-de-estudos-afroasiaticos>

Conselho Estadual dos Direitos do Negro: <www.cedine.rj.gov.br>

Fundação Cultural Palmares: <www.palmares.gov.br>

Página do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) destinada às comunidades quilombolas: <www.incra.gov.br/estrutura-fundiaria/quilombolas>

Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial: <www.seppir.gov.br>

5. Depois da leitura do subcapítulo “As muitas modalidades da luta de resistência” (pp. 103-6), anime a elaboração de textos do gênero “manifesto”, na primeira pessoa do plural, cujo objetivo será elevar a autoestima das populações negras no Brasil por meio da valorização do histórico de suas lutas de resistência contra a escravidão no passado, bem como contra o racismo presente na nossa atualidade. Como inspiração para os alunos, lá vai uma dica: pesquisar sobre os movimentos negros existentes na sua região e em todo o Brasil. Peça ainda que entrevistem militantes e personalidades negras brasileiras.

6. Vale a pena chamar a atenção para o risco do estereótipo. Há uma tendência, sobretudo nos livros didáticos, de se apresentar o africano no Brasil ora como escravo oprimido, ora como quilombola rebelde ou uma mão de obra submetida a todo o tipo de exploração. Mas é hora de abordar uma terceira ponta das nossas raízes: o papel do africano, as culturas vindas da África e a contribuição dessas nações — banto, fon, ioruba, congo — ao Brasil. As culturas da África trazem uma bagagem intelectual que é, ainda hoje, pouco percebida e, ademais, apreciada entre nós. Peça aos alunos uma pesquisa sobre o papel do africano em um dos temas abaixo:
- a. Técnicas de mineração;
 - b. Desenvolvimento da criação extensiva de gado;
 - c. Grandes artesãos, artífices e profissionais negros nos séculos XVIII e XIX;
 - d. Religiões e culturas até hoje vivas e dinâmicas no Brasil;
 - e. Ritmos, cores e aromas.

LEGENDA INTERPRETATIVA DAS AUTORAS

3.1. Parte importante da história do tráfico de escravos transcorria já na costa africana: nações inteiras, muitas vezes em guerra, eram aprisionadas e comercializadas. Ainda nesse contexto, idealizaram-se verdadeiros manuais para “padronizar” as regras de comércio e ensinar uma série de castigos cujo objetivo era inculcar o medo e a obediência dentro do sistema escravocrata. Neste raro documento do século XVII, vemos como eram rotinizadas as regras do “bem submeter”.